



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Dias Borges, Maria da Graça Bompastor; Bahia Vanderlei, Renata

A habilidade para diferenciar se de quando

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 12, núm. 1, 1999, p. 0

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18812113>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A habilidade para diferenciar *se* de *quando*¹

*Maria da Graça Bompastor Borges Dias*²

Renata Bahia Vanderlei

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Bowerman (1979) e Reilly (1986) argumentam que o condicional *se*, apesar de ser morfológica e sintaticamente similar às orações que envolvem por exemplo *e*, *quando*, *porque*, *assim*, e também possuir significados semelhantes, ele é o último a aparecer nas produções das crianças. *O se* é utilizado em situações cuja ocorrência é possível porém incerta; e *quando* em eventos que apresentam maior grau de certeza. Procurou-se identificar em que idade as crianças são capazes de distinguir o significado de *se* e *quando* no caso em que são sinônimos e naqueles que não podem sobrepor-se. Crianças de 3 e 5 anos foram apresentadas a diferentes tipos de sentenças condicionais (preditivas presente e passado) iniciadas por *se* e por *quando*. Deveriam identificar dentre três desenhos qual representava o que havia sido lido. Aos 3 anos são capazes de identificar sentenças nas quais os dois são sinônimos. Já em sentenças nas quais *se* e *quando* não são sinônimos, o desempenho das crianças decresce, principalmente naquelas envolvendo *se*. Uma das explicações seria que o temporal *quando* geralmente faz afirmações sobre eventos do mundo real e o condicional *se* especifica situações hipotéticas cujas habilidades envolvidas surgem mais tarde.

Palavras-chave: Condicional *se*; temporal *quando*; sentenças preditivas; situações hipotéticas

The ability to differentiate *if* from *when*

Abstract

Bowerman (1979) and Reilly (1986) argued that constructions using the conditional *if*, albeit being similar morphologically and syntactically to sentences that involve, for example, *and*, *when* and *because*, and also having similar meanings, are the last to appear in children's productions. *If* is used to express situations whose occurrence is possible but unsure; whereas *when* is used to express events that present a higher grade of certainty. We tried to identify in what age children are able to differentiate the meaning of *if* and *when* in cases where they are synonyms and in case where they cannot be superposed. Three and 5 year-old children were presented different classes of conditional sentences (predictive, present, and past) which started with *if* and *when*. Children identified among three pictures which one represented what had been read. Three year-olds were able to identify sentences in which the two are synonyms, but when they are not (predictive and past), children's performance in both age groups decline, mainly with the sentences involving *if*. One of the explanations is that the temporal *when* usually expresses affirmations about events of the real world, whereas the conditional *if* specifies hypothetical situations that involve abilities which develop later.

Keywords: Conditional *if*; temporal *when*; predictive sentences; hypothetical situations.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Fazer inferências para integrar informações constitui uma parte básica da cognição humana. As inferências são feitas regular e rotineiramente em várias e diferentes ocasiões: quando se está raciocinando, conversando ou lendo. Os diversos tipos de inferências incluem as que envolvem condicionais, conjunções, disjunções e negações, representadas pelas palavras *se*, *e*, *ou* e *não*.

A importância do condicional "se" tem sido propagada por muitos. É chamado o "coração da lógica" (Anderson & Belnap, 1975, p.1) e considerado como constituindo a forma de princípios científicos (e.g. Hempel, 1965). Para Braine e O'Brien (1991), "se é psicologicamente mais rico que outros conectivos, como *e* e *ou*, porque o processo de suposição é crucial para seu significado. Por esta razão, *se* tem importante relação com o faz-de-conta e a fantasia como também com o levantamento de hipóteses e a dedução lógica" (p. 182).

Limber (1973) e Bloom, Lahey, Hood, Lifter e Fiess (1980) encontraram que crianças de 3 anos de idade são capazes de usar o *se* em sentenças complexas. O uso apropriado dos condicionais também foi demonstrado por French e Nelson (1981, 1982). Reilly (1983) descreve a forma sintática básica para todos os condicionais como sendo "Se X, então Y".

"É uma sentença complexa composta de uma oração adverbial subordinada, o antecedente, que é marcada com o subordinador *se* e a principal oração, o consequente que pode, mas não necessariamente, começar com *então*. Dentro desta estrutura básica "Se X, então Y", X é algum tipo de condição no qual Y depende. O relacionamento obtido entre estas duas orações tem sido descrito como implicação ou vinculação lógica". (p.2)

Tanto na gramática inglesa quanto na portuguesa o *então* pode ser omitido, como por exemplo: "Se Rodrigo tomar mais sorvete hoje, ele certamente estará resfriado amanhã", ou "Rodrigo estará certamente resfriado amanhã se ele tomar mais sorvete hoje".

A função básica de um condicional é predizer uma contingência não realizada.

Várias são as classificações de condicionais (ver por exemplo; Brown, 1973; Bloom, 1970; Bowerman, 1973). Reilly (1983) descreve a classificação de Schachter (1971) por ser, para ela, aquela que oferece um quadro ideal para se ter uma visão do processo de aquisição dos condicionais.

Nesta classificação os condicionais são divididos em dois grandes grupos; "Condicionais Reais" que envolvem conteúdos reais e "Condicionais Irreais ou Imaginativos" referentes a eventos irreais (ver Figura 1).

CONDICIONAIS

REAIS ou SIMPLES

Presente

Passado

IRREIAIS ou IMAGINATIVOS

Preditivos

Imaginativos { Hipotético

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA



Figura1. Classificação dos Condicionais

Os três tipos de condicionais reais caracterizam-se como segue:

1. Condicionais Presentes: referem-se a eventos que ocorrem no tempo da expressão. Por exemplo: Se João está na cozinha, ele está comendo.
2. Condicionais Passados: referem-se a eventos que já ocorreram. Por exemplo: Se Lúcia não foi ao cinema, Carlos foi.
3. Condicionais Genéricos: São sentenças sem dependência de tempo. Por exemplo: Se a criança está doente, não vai à escola.

As características dos condicionais *Irreais* são as seguintes:

1. Preditivos: conjectura a ocorrência de alguns eventos no mundo real e em um tempo real. No entanto, eles referem-se a algo que ainda não ocorreu, que pode ser possível de ocorrer mas não é certo. Por exemplo: Se Érica chegar, eu lhe darei um sorvete (Érica pode vir ou não). Este tipo é classificado por Schachter (1971) em alguns casos como fazendo parte dos Reais ou Simples.

2. Imaginativos:

a) Hipotéticos: indicam situações que poderiam ocorrer mas em que não são exigidas suas ocorrências no mundo real no tempo do ato falado. Por exemplo: Se ele levasse toda esta chuva, ele ficaria doente

b) Contrafactuals: - Subjuntivos: envolvem situações que não podem ocorrer. Por exemplo: Se eu fosse um passarinho, eu poderia voar. Deve-se salientar que nos condicionais contrafactuals o antecedente é fortemente negado.

- Verdadeiros: situações que poderiam, mas não ocorreram. Por exemplo: Se eu tivesse ido à festa, eu teria encontrado Sílvia.

Com esta classificação como referência, Reilly (1983) reviu dados experimentais e naturalistas com o objetivo de investigar como o sistema condicional é adquirido na língua inglesa. Um sumário dos resultados por ela encontrado é apresentado na Tabela 1:

Tabela 1. Sumário da sequência de aquisição dos condicionais

	Tipo	Idade
I -	Presente	2,6 / 3,2 a

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

		3,9
	Preditivos	2,6 / 3,2 -
II -	Hipotéticos especificamente para faz-de-conta	3,0 -
III -	Compreensão genérica de hipotéticos e contrafactuals usados em poucos contextos especializados	4,0 -
IV -	Morfologia distinta para contrafactuals aparece em respostas a tarefa	6,0-
V -	Morfologia contrafactual completa aparece em respostas a tarefas	8,0-

Bowerman (1979) argumenta que apesar de *se* "ser morfológica e sintaticamente similar às sentenças com conjunções tais como *e*, *quando*, *porque*, *assim*, etc, e dividir certos elementos de significados com estes, ele é o último a aparecer" (p.286).

O *se* é usado em eventos cuja ocorrência é possível mas incerta e o *quando* em situações que oferecem um maior grau de certeza, como enfatiza Reilly (1986).

"Possibilidade e suposição, como sinalizado por *se*, existem em ambas situações reais e irreais ou hipotéticas, e consequentemente sentenças condicionais são usadas para se referir a ambas situações reais e irreais. Em contraste, fato, como sinalizado por *quando*, é restrito ao mundo real, ou pelo menos a eventos que o falante acredita ser verdade". (p.312)

O *quando* pode ser usado excepcionalmente como irreal, destaca a autora, em casos onde pistas lingüísticas fazem o sujeito entrar num mundo de fantasia e deixar a realidade de lado. Por exemplo: "Era uma vez.." ou "Há muito tempo atrás..."

Em certos casos, o *quando* e o *se* são quase sinônimos, como por exemplo:

- Se você coloca água no sonrisal ele borbulha
- Quando você coloca água no sonrisal ele borbulha

Em outras orações o grau de certeza e expectativa são diferentes. Por exemplo:

- Quando Marcelle chegar, iremos ao cinema
- Se Marcelle chegar, iremos ao cinema

Existem diferentes graus semânticos de sobrepor *quando* e *se*, além dos indicados nesses dois exemplos. O primeiro exemplo refere-se aos condicionais reais que se referem ao *presente* e o segundo aos condicionais *preditivos*.

A mesma diferença de grau de certeza e expectativa é esperada nos condicionais no *passado*. Por exemplo:

- Quando choveu no inverno passado, a colheita do Sertão foi boa.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

- Se choveu no inverno passado, a colheita do Sertão foi boa.

Na 1^a oração o *quando* (temporal passado) indica que o antecedente de fato ocorreu. Na 2^a o condicional passado é apenas uma suposição do antecedente, uma possibilidade.

Os tipos preditivo e reais no tempo *passado* de condicionais classificados por Schachter (1971), seriam de grande valor para investigar a ocorrência de sua diferenciação com as orações temporais preditivas envolvendo *quando*. Como já foi dito, o *se* como preditivo tem o significado de que o evento pode ocorrer porém é incerto, enquanto ao utilizar *quando* o evento *deve* ocorrer, não sendo apenas uma possibilidade, mas uma certeza.

Neste sentido, nas sentenças hipotéticas e contrafactualas não há permutação entre o *quando* e o *se*. Por exemplo:

- Se Rosa fosse um peixe, ela viveria na água

- Se Rosa tivesse sido um peixe, ela deveria viver na água

Nestes casos o *quando* não pode substituir o *se* (exceto no mundo de fantasia como explicado na página anterior). Assim, apenas o *se* é usado nos condicionais irreais ou imaginativos (hipotéticos e contrafactualas).

Em um estudo naturalístico com 4 crianças de 1 a 3 anos e meio de idade, e um estudo experimental com 28 crianças de 2 anos e 6 meses a 9 anos, Reilly (1986) encontrou que, após os 4 anos de idade, as crianças adquirem a capacidade de entender o uso do *se* para sentenças hipotéticas e contrafactualas (irreais) e do *quando* para sentenças habituais passadas (reais).

No presente estudo, perguntou-se então, em que idade a criança é capaz de distinguir o significado de sentenças que envolvem *se* do significado de sentenças que envolvem *quando* nos casos onde eles são sinônimos e nos casos onde não podem sobrepor-se.

Método

Participantes

Setenta e duas crianças, sendo 36 crianças entre 3 anos e 4 anos e 6 meses (média de 3 anos e 6 meses) e 36 entre 4 anos e 6 meses e 5 anos e 6 meses (média de 5 anos). Metade da amostra envolveu meninas e metade meninos. Todas as crianças freqüentavam escolas particulares que atendem ao nível sócio-econômico (NSE) médio da cidade do Recife.

Material e Procedimento

O material constava de três conjuntos, correspondentes a três tipos de condicionais (preditivo, presente e passado). Cada conjunto constou de duas situações diferentes, cada uma formada por duas frases e três desenhos (ver Anexos A e B). As duas frases ou sentenças que foram apresentadas em cada situação eram semelhantes mas uma era iniciada com o condicional *se* e a outra com o temporal *quando*.

As crianças foram entrevistadas individualmente. Para cada situação ou evento o entrevistador mostrava à criança o Desenho 1 e lia a sentença correspondente (ou começando por *se* ou por *quando*). Depois, mostrava os Desenhos 2 e 3 e pedia à criança que escolhesse um ou dois

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

desenhos que representasse o que havia sido lido (Repetia a sentença). As frases e desenhos que foram utilizados estão nos anexos [A](#) e [B](#) para cada evento em cada conjunto. A ordem de apresentação das sentenças (*se* e *quando*) como também o Tipo de Situação e Tipo de Condicionais foram randomizadas.

Antes de mostrar os desenhos aos sujeitos, o entrevistador dava exemplos, fazendo perguntas de sondagem para detectar a certeza e a incerteza da criança acerca do *se* e do *quando*. Por exemplo: - "Sé eu lhe disser: *Se eu for ao cinema* (preditivo), você tem certeza ou não que eu vou ao cinema. Eu posso ou não posso ir? Agora, e se eu lhe disser *quando eu for ao cinema*, você tem certeza que eu vou ou não ao cinema? Quando eu digo *quando*, você tem mais ou menos certeza que eu vou ao cinema do que quando eu digo *se*? Se eu disser *se*, posso ou não ir e se eu disser *quando* você tem certeza que vou? Explique. Da mesma forma foram apresentadas sentenças na forma presente (Se/quando eu como, fico sem fome), e na forma passada (Se/quando eu nadei na piscina, fiquei toda molhada).

Resultados

Nas Perguntas de Sondagem, das 72 crianças apenas 47 responderam corretamente uma das questões de sondagem sendo que 32 acertos ocorreram no exemplo do condicional preditivo, 8 acertos no condicional presente e 7 no condicional passado.

No experimento propriamente dito, para os Eventos 1 e 3 envolvendo *passado* e *preditivo* os acertos consistiam em escolher os desenhos de números 2 e 3, ao serem ditas as frases começando por *se*, visto que este conectivo não oferece grau de certeza absoluta, e apenas o desenho nº. 2 em resposta à frase começando com *quando* (certeza absoluta).

No caso do Evento 2, *presente*, a escolha do desenho nº 2 era o acerto esperado tanto para as frases começando por *se* como por *quando*, visto que nestes casos *se* e *quando* eram sinônimos e possuíam o mesmo grau de certeza.

Na Tabela [2](#) encontram-se as médias de acertos em cada idade em função do tipo de sentença e do Tipo de Condisional.

Tabela 2. Médias (e desvios-padrões) de respostas corretas em cada idade em função do tipo de sentença e do tipo de condicional

Idade	Quando				Se			
	Preditivo	Presente	Passado	Média Total	Preditivo	Presente	Passado	Média Total
3	0,36 (0,49)	0,44 (0,50)	0,50 (0,51)	0,43	0,03 (0,17)	0,47 (0,50)	0,08 (0,28)	0,19
5	0,58 (0,50)	0,67 (0,48)	0,72 (0,45)	0,65	0,08 (0,28)	0,72 (0,45)	0,17 (0,38)	0,32
Total	0,47	0,56	0,61	0,54	0,06	0,60	0,13	0,26

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Os dados foram analisados estatisticamente através de uma ANOVA de medidas repetidas envolvendo Tipos de Sentença (*se* e *quando*), Tipo de Condisional (preditivo, presente e passado), Idade (três e cinco anos), e Ordem de apresentação das Situações (dois tipos de história para cada tipo de condicional). A análise produziu um efeito significativo para Tipo de Sentença [$F(1,70) = 41.89, p < 0.0001$], Tipo de Condisional [$F(2,140) = 25.30, p < 0.0001$], Idade [$F(1,70) = 10.69, p < .002$], e uma interação entre Tipo de Sentença e Tipo de Condisional [$F(2,140) = 19.85, p < 0.00$]. A Ordem de apresentação das situações não foi significativa [$F(3,44) = 2.04, p.n.s.$].

As médias de respostas corretas nos três tipos de condicionais com sentenças iniciadas com *se* e com *quando* foram comparadas com o Teste de *Newman-Keuls*. Esta análise mostrou que a média de acertos para os condicionais no *presente* foi significativamente maior do que para os condicionais no *passado* ($p < .01$) e no *preditivo* ($p < .01$). Este último teve também menor número de acertos do que o oferecido ao condicional no *passado* ($p < .01$).

A interação entre Tipo de Sentença e Tipo de Condisional está ilustrada na Figura 2.

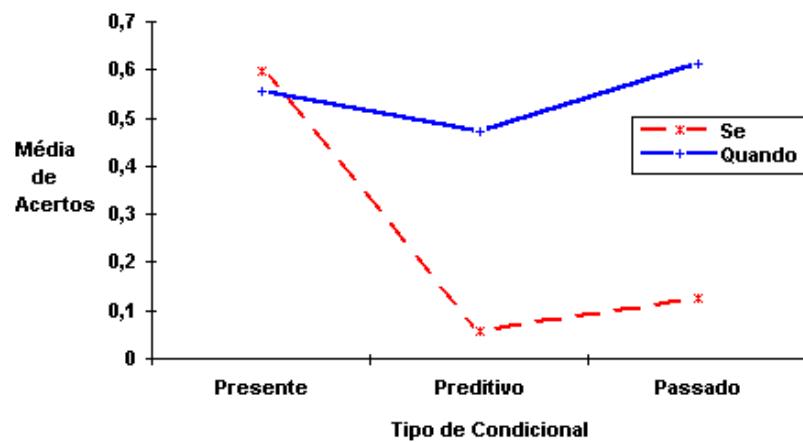


Figura 2. Interação entre tipo de sentença e tipo de condisional

O teste de *Newman-Keuls* não mostrou diferenças significativas em relação às médias de respostas corretas nos três tipos de Condicionais com sentenças iniciadas por *quando*. No entanto, quando este teste foi aplicado àquelas sentenças iniciadas com *se*, verificou-se que a média de acertos para os condicionais no *presente* foi significativamente maior do que no *passado* ($p < .01$) e do que no *preditivo* ($p < .01$). Os últimos dois tipos de condicionais não apresentaram diferenças significativas entre si.

Discussão

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

O principal objetivo deste estudo foi identificar em que idade as crianças são capazes de distinguir o significado de *se* e *quando* no caso em que são sinônimos e naqueles que não podem sobrepor-se.

Aos quatro anos de idade as crianças são capazes de identificar sentenças nas quais *quando* e *se* são sinônimos, corroborando a revisão de estudos experimentais e naturalistas entre crianças falantes da língua inglesa realizada por Reilly (1983).

Nos casos em que o condicional *se* e o temporal *quando* não são sinônimos (preditivo e passado), a performance das crianças tanto de três quanto as de cinco anos de idade decresceu, principalmente nas sentenças iniciadas com *se*. Vale salientar que como no estudo de Bowerman (1986) o futuro preditivo para as sentenças iniciadas com *quando* emerge antes do que com aquelas iniciadas por *se*. Este mesmo fato ocorreu no presente estudo com as sentenças no tempo passado.

Além do estudo de Amidon (1976), com crianças mais velhas, encontramos apenas o estudo de Bowerman (1986), que compara diretamente temporais e condicionais. Neste último, a autora compara a produção espontânea (e não o desempenho em tarefas como no presente estudo) de três crianças entre dois e três anos de idade com o objetivo de verificar se *quando* coincide com a certeza de algo ocorrer e *se* com a incerteza. Os resultados parecem sugerir que, no futuro preditivo, as crianças são capazes de selecionar entre *quando* e *se* com base no fato da situação poder ser esperada com certeza ou não.

Vale salientar que os dados contidos no quadro de seqüência de aquisição dos condicionais, sumarizados por Reilly (1983), foram coletados em situações naturalísticas de brincadeira. Já os dados experimentais advém de tarefas onde o experimentador perguntava por exemplo: "O que acontece se você comer três sorvetes?" O que poderia licitar uma, resposta no presente: "Você fica doente" (presente ou genérico), ou uma resposta no futuro simples: "Você ficará doente" (preditivo). Talvez por serem estas tarefas mais simples, sem a necessidade da criança refletir sobre sua escolha, elas tenham levado a demonstrar que a aquisição de certos condicionais apareceriam mais cedo do que no presente estudo. Neste, a tarefa exigia que a criança fosse capaz de diferenciar além dos graus de certeza e expectativa, as situações nas quais o *se* e o *quando* eram ou não sinônimos.

De qualquer forma, Bowerman (1986) enfatiza que a construção de sentenças com *se* surge mais tarde na linguagem das crianças. Uma das hipóteses levantada para este fato (ver Bates, 1976), seria que *quando* geralmente faz afirmações sobre eventos do mundo real. Em contraste, o *se* especifica situações hipotéticas. E esta capacidade de pensar hipoteticamente surge mais-ou-menos aos 4 anos de idade (ver Dias & Harris, 1988, 1990; Dias, 1996; Kuczaj & Daly, 1979). Antes disso, as crianças estão ainda ligadas aos fatos do mundo real, não concebendo situações contrárias à realidade. Por volta dos 4 anos de idade as crianças já são capazes de criar mundos imaginários diferentes do real (Leslie, 1987). Nesses "mundos" todos os eventos são assumidos como possíveis e verdadeiros (Goffman, 1974). Assim, as crianças são capazes de lidar corretamente com questões hipotéticas mesmo que sejam contrárias ao dia-a-dia. Quando este desafio for alcançado (suspensão da realidade), o *se* será usado adequadamente, podendo ser diferenciado das sentenças que envolvem *quando*.

Referências

- Amidon, A. (1976). Children's understanding of sentences with contingent relations: Why are temporal and conditional connectives so difficult? *Journal of Experimental Child Psychology*, 22, 423-37.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

- Anderson, A. R. & Belnap, N. D. (1975). *Entailment*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Bates, E. (1976). *Language and context: The acquisition of pragmatics*. New York: Academic Press.
- Bloom, L. (1970). *Language development: Form and function in emerging grammars*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Bloom, L., Lahey, M., Hood, L., Lifter, K., & Fiess, K. (1980). Complex sentences: Acquisition of syntactic connectives and the semantic relations they encode. *Journal of Child Language*, 7, 235-261.
- Bowerman, M. (1973). *Early syntactic development: A cross-linguistic study with special reference to finnish*, (pp. 119-367). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowerman, M. (1979). The acquisition of complex sentences. Em P. Fletcher & M. Garman (Orgs.). *Language acquisition*, (pp. 285-305). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bowerman, M. (1986). First steps in acquiring conditionals. Em E. C. Traugott, A. Meulen, J. S. Reilly, & C. A. Ferguson (Orgs.). *On conditionals*, (pp. 285-307). New York: Cambridge University Press.
- Braine, M. D. S. & O'Brien, D. P. (1991). A theory of if: A lexical entry, reasoning program, and pragmatic principles. *Psychological Review*, 98, 2, 182-203.
- Brown, R. (1973). *A first language*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Dias, M. G. & Harris, P. L. (1988). The effect of make-believe play on deductive reasoning. *British Journal of Developmental Psychology*, 6, 207-221.
- Dias, M. G. & Harris, P. L. (1990). The influence of the imagination on reasoning by young children. *British Journal of Developmental Psychology*, 8, 305-318.
- Dias, M. G. (1996). Imaginando e raciocinando dedutivamente: um estudo entre crianças. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 48, 82-98.
- French, L. & Nelson, K. (1981). Temporal knowledge expressed in preschoolers' description of familiar activities. *Papers and Reports on Child Language Development*, 20, 61-69.
- French, L. & Nelson, K. (1982). Taking away the context: Preschoolers talk about "then and there". *The Quarterly Newsletter of the Laboratory of Comparative Human Cognition* 4, 1-12.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis*. New York, Harper Colophon Books.
- Hempel, C. (1965). *Aspects of scientific explanation*. New York: The Free Press.
- Kuczaj, S. A. & Daly, M. J. (1979). The development of hypothetical reference in the speech of young children. *Journal of Child Language*, 6, 563-79.

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

Leslie, A. M. (1987). Pretense and representation: The origins of "theory of mind". *Psychological Review*, 94, 412-426.

Limber, J. (1973). The genesis of complex sentences. Em T. E. Moore (Org.), *Cognitive Development and the Acquisition of Language*, (pp. 169-85). New York: Academic Press.

Reilly, J. S. (1983). Acquiring conditionals: How language and cognition interact. Trabalho apresentado no Eighth Annual Boston University Conference on Language Development, Mass, USA.

Reilly, J. S. (1986). The acquisition of temporals and conditionals. Em E. C. Traugott, A. Meulen, J. S. Reilly, & C. A. Ferguson (Orgs.). *On conditionals*, (pp. 309-331). New York: Cambridge University Press.

Schachter, J. (1971). *Presupposition and counterfactual conditional sentences*. Tese de Doutorado Não-Publicada. University of California, Los Angeles, EUA.

¹Pesquisa financiada pelo CNPq e FACEPE.

² Endereço para correspondência: Av. Beira Mar, 520, ap. 81, Piedade, Jaboatão, PE, 54310-064 - Fone: (081) 361-2319, Fax (081) 271-1843, E-mail: Mdlas@npd.ufpe.br

Anexo A

Conjuntos de sentenças para cada tipo de Condicional

* Conjunto 1 - Preditivo

Situação 1

* Se eu der banho no meu cachorro, ele ficará limpo
* Quando eu der banho no meu cachorro, ele ficará limpo

Desenho 1: O menino com o cachorro e uma bacia d'água ao lado e uma escova.
Desenho 2: O menino com o cachorro limpo

Desenho 3: O menino com o cachorro sujo

Situação 2

* Se estiver chovendo, eu uso uma sombrinha

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

* Quando estiver chovendo, eu uso uma sombrinha

Desenho 1: A menina dentro de casa com a sombrinha fechada ao lado

Desenho 2: A menina na chuva com a sombrinha aberta

Desenho 3: A menina no jardim ensolarado com a sombrinha fechada no chão

* Conjunto 2 - Presente

Situação 1

*Se eu fico doente, vou ao médico

*Quando eu fico doente, vou ao médico

Desenho 1: O menino deitado no sofá

Desenho 2: O menino no consultório médico

Desenho 3: O menino brincando no jardim de sua casa

Situação 2

* Se eu jogo futebol, eu me sujo todo

* Quando eu jogo futebol, eu me sujo todo

Desenho 1: O menino com os amigos entrando no estádio

Desenho 2: O menino todo sujo

Desenho 3: O menino limpo

* Conjunto 3 - Passado

Situação 1

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA

* Se a menina brigou com o irmão, ela ficou de castigo
* Quando a menina brigou com o irmão, ela ficou de castigo
Desenho 1: A menina e o irmão no sofá assistindo TV
Desenho 2: A menina de castigo (Sentada de frente para a parede)
Desenho 3: A menina no balanço

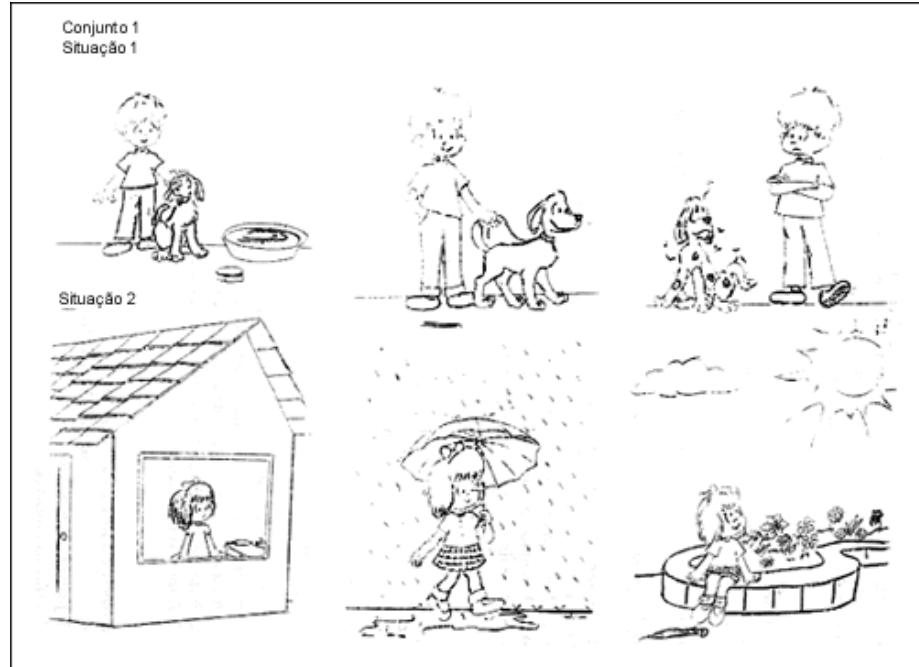
Situação 2

* Se Joana viajou, ela foi para a Disneylândia
* Quando Joana viajou, ela foi para a Disneylândia
Desenho 1: Joana no aeroporto
Desenho 2: Joana na Disneylândia
Desenho 3: Joana em casa vendo TV

Anexo B

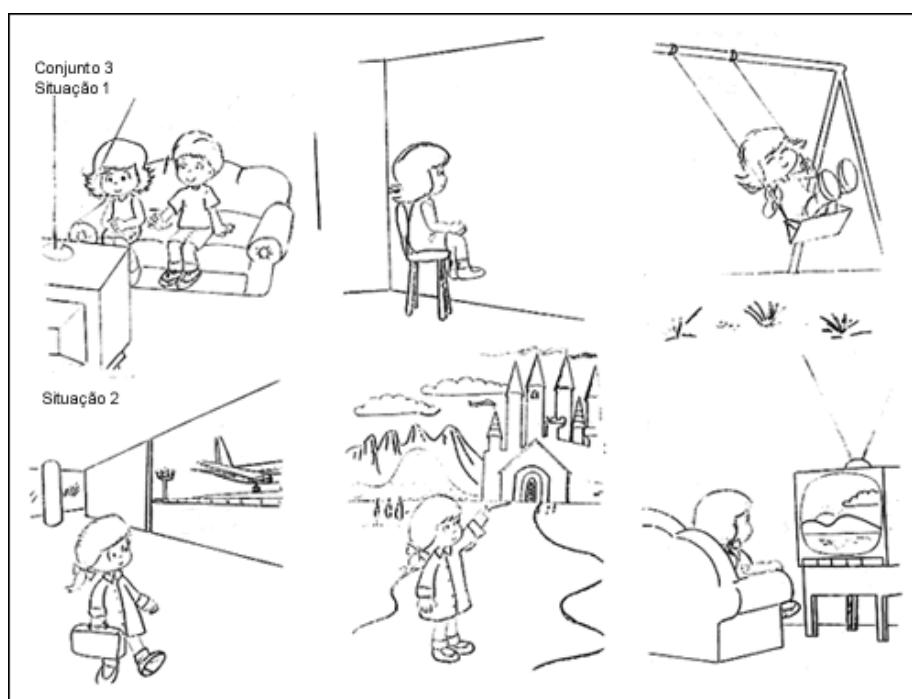
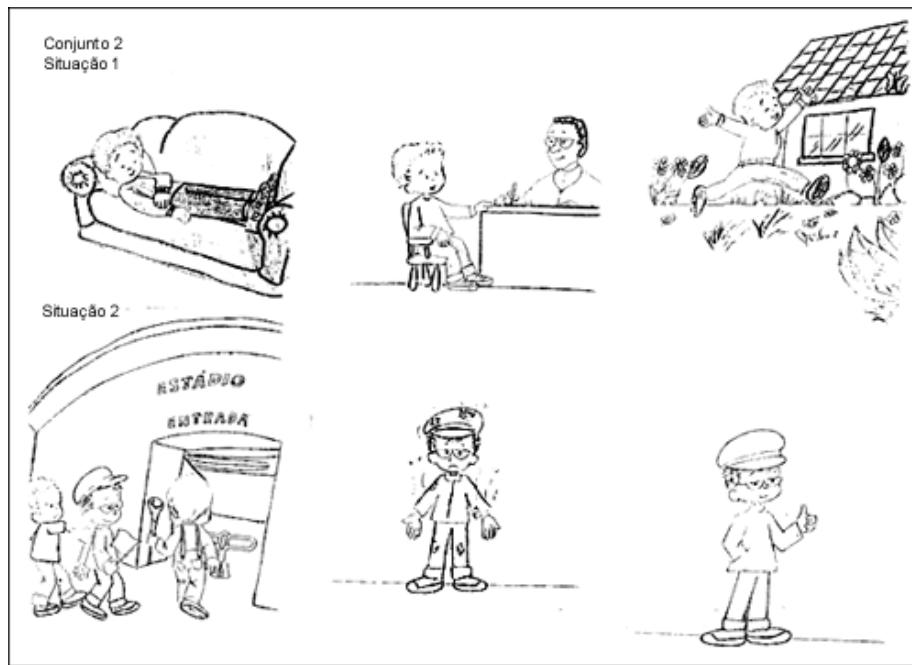
Desenhos

I



II

PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA



PSICOLOGÍA REFLEXAO E CRÍTICA